

SÃO FILIPE NERI

1515-1595 fundador do oratório – canonizado 1112 março 1622 festa 26 de maio

Tirado do livro: “O grande livro dos santos” ed. São Paulo



Os primeiros anos do jovem Filipe

Nascido o 21 de julho 1515 em um bairro além do Rio Arno em Florença, foi batizado como todos os florentinos no Batistério de S. João, com o nome de Felipe Rômulo: Da sua infância sabemos pouco: o pai Francisco era tabelião, a mãe, Lucrecia de Mosciano, morreu muito cedo e o pequeno Filipe foi entregue aos cuidados da madrasta. Pelo testemunho da irmã Elisabete sabemos que embora pelo seu temperamento alegre e altruista o menino fosse apelidado de “Pipo o bom” (apelido que ficou pela vida toda) nunca demonstrou uma vocação ou devoção especial. Única coisa segura é a sua freqüentação do Convento de S. Marco. (“Aquilo *que recebi de bom* – dirá mais tarde – o recebi com os padres de S. Marco”) no qual pude respirar a espiritualidade do Savonarola, ainda muito viva particularmente nos anos da crise política da república e do Cêrco de Florença (1527-1530).

Filipe se transfere para ROMA

A disoito anos deixou Florença e nunca mais voltará nela; vai morar com um seu primo em S. Germano de Campânia para aprender a arte do comercio. Mas esta não devia ser a sua vocação se no 1534 – 35 ja o encontramos em Roma onde teria ficado por 60 anos, sem nunca mais sair dela, até sua morte. Viveu os decênios das mudanças radicais, das primeiras tensões reformadoras aos triunfos da Contrarreforma, do Renascimento ao seu decaír causa o emergir do mundo Baroco. Nos primeiros anos de sua permanência viveu como preceptor na casa de um comerciante florentino, Galeotto del Caccia. O seu tempo se repartía entre as obrigações de preceptor e a freqüentação de alguns cursos de teologia e filosofia na Universidade “Sapienza” o estudo geral dos agostinianos e em uma contínua e solitária peregrinação na Roma antiga (Catacumbas e basílicas) como também na Roma nova dos jovens de rua, dos artesãos, comerciantes e bancários: a experiencia mística que paulatinamente cresce no relacionamento com outros “espirituais” que animavam a cidade nos últimos anos de Papa Paulo III e se uniu ao desejo de reforma, inspirando-se à Igreja primitiva fundando a confraria da SS. Trindade dedicada particularmente na assistência aos peregrinos pobres: a assistência realizada no Ano Santo de 1550 foi *central* para sua vida, tendo fundido sua ansiedade de perfeição individual e a busca de uma sua missão específica pela reforma da Igreja.

Filipe sacerdote



Após ter recebido em breve tempo as ordens menores e maiores, foi consagrado sacerdote o 23 de maio 1551 (na véspera da festividade da SS.Trindade e no aniversário da condenação à fogueira do Savonarola). Como sacerdote entrou entre os vigários da igreja de S. Gerolamo da Caridade sem receber nenhuma gratificação em dinheiro por parte da Confraria que a tinha em gestão, e isto para poder manter sua liberdade “*Oferens se volle servire suo arbitrio*”: os capelãos de S. Gerolamo constituíam uma comunidade mas, exercitando as funções de confessores e diretores de consciência, com o grupo dos Jesuítas da Igreja do Jesus e dos Dominicanos da Minerva, tornaram-se um centro de espiritualidade para muitos cêtos populares e depois, com o desenvolvimento da reforma tridentina, também para os pertencentes aos patricios e a alta finância. O certo è que os penitentes ao redor de Filipe, entre o 1553 e o 1555 começaram tomar uma fisionomia de

grupos de reuniões que paulatinamente constituíram o Oratório.

Das leituras e orações comuns de poucos no pequeno quarto de Filipe, passou-se a reuniões sempre mais numerosas em um celéiro sobre a igreja; no 1564 constituída ao redor de Filipe aceitou o pedido de mercadores, e políticos florentinos de tomar a responsabilidade da igreja de S. João de' Florentinos, e là foram morar - enquanto que Filipe continuava morando em S. Gerolamo - os primeiros filhos espirituais consagrados sacerdotes: Cesare Baronio, Alexandre Fedeli, João Francisco Bordini (e muito cedo outros teriam chegado), como comunidade sem vínculos de votos. Ao sucesso sempre maior das reuniões do Oratório, dos passeios devotos e coletivos ao longo das ruas e às igrejas de Roma, das mais solenes visitas às 7 igrejas (pelegrinagens de um dia inteiro com missas, pregações, cantos, e merendas ao ar livre), às quais especialmente nos dias de carnaval chegavam a participar mais de mil pessoas, havia uma desconfiança notável especialmente durante o pontificado de Paulo IV e Pio V e tiveram inqueritos por parte do Vicariato romano e da Inquisição. Era coisa “insólita” este método de discursos espirituais com a participação de leigos, esta devoção que não recusava a liturgia oficial e tampouco os sacramentos, mas procurava espaços novos para a perfeição do clero e dos leigos também. Porém estes inqueritos acabaram em nada de fato e o influxo de Filipe e do seu grupo tornou-se sempre mais forte também no ambiente da Curia post-tridentina: às reuniões e às iniciativas participavam os prelados e cardeais mais ligados à reforma religiosa, e muitos deles eram filhos espirituais de Filipe.

A Comunidade dos Filipinos.

Gregorio XIII com a Bula “*Copiosus in misericordia*” do 15 de Julho 1575 reconheceu a nova comunidade entregando-lhe como congregação de sacerdotes e clérigos, a pequena paróquia de S. Maria della Vallicella: A velha igrejainha foi abatida e em dois anos foi edificada a grande nave da majestosa igreja atual.

Em 1577 os sacerdotes do Oratorio se mudaram à Vallicella, enquanto que Felipe ficou em S. Gerolamo. Pelas admoestações do Papa e pelos problemas de saúde, em 1583 aceitou de mudar-se na Vallicella. Além de ficar chefe carismatico permaneceu Prépósito perpétuo também: o seu quarto nos últimos anos de vida parecia ser o centro de gravidade de uma vida que ía além do grupo dos seus colaboradores; ele era o ponto de referimento e conselheiro de Prelados, Cardeais e também dos Papas. (È conhecida a influência exercitada sobre Clemente VIII em favor da assolução de Enrique IV de Navarra.) No 1593 causa uma doença longa e dolorosa (tinha 78 anos) deu as dimissões das funções de Prépósito da Congregação (Cesare Baronio foi o primeiro sucessor) e assistido pelo cardeal Federico Borromeo, morreu o 26 de maio 1595.

Os milagres e a canonização



O culto que se difundiu logo depois da sua morte, com o estender-se a devoção e atribuição de inumeráveis milagres, parece ser a continuação da veneração do que gozava ainda quando vivia, com a fama das suas virtudes e capacidades taumatúrgicas que já eram atribuídas à sua pessoa. O processo da canonização logo iniciado acabou em 1615 com a beatificação; a canonização aconteceu em 1622.

A falta quase total de escritos não permite o esclarecimento de uma doutrina espiritual: a característica de Filipe, parece ser próprio aquela de fazer coincidir a vida concreta da pessoa e a experiência espiritual com a redução de toda elaboração teórica. O ponto firme de Filipe Neri é aquele do homem sereno, alegre que sabe unir ao amor para Deus, com o amor do próximo, da dos animais, da natureza, com uma inocência que ele manteve até na sua velhice avançada.

A sua imagem nos foi transmitida assim por dois dos seus amigos, os devotos cardeais Agostinho Valier e Gabriela Paleotti em dois livros: “*De laetitia christian*”

e a “*De bono senectutis*”, que elégem Filipe como modelo do humanismo cristão no qual autoridade e liberdade de espírito, piedade e participação às alegrias e às dores da vida cotidiana se entrelaçam harmoniosamente.

Nisto tem muito de verdadeiro embora seja necessário não cair na deformação de Filipe, tornando-o uma imagem ingenua e infantil. A sua simplicidade, o seu caráter zombeteiro e brincalhão serviam-lhe a miúdo para disfarçar as tensões de um severo ascetismo de um empenho total ao serviço de Deus e do próximo, das penitências e o contínuo empenho nas obras de caridade dele e dos seus discípulos.

Procurando enuclear historicamente e definir a sua mensagem em uma época de mudanças transtornadoras da Roma Papal e da cristandade, creio poder dizer que se em um primeiro tempo o impulso místico que o dominava (o atingia também fisicamente com palpitações cardíacas) era comum a muitos grupos espirituais que estavam em Roma na primeira metade do quinhento, a mensagem específica de Filipe tornou-se aquela de uma santidade anti-heróica, de uma perfeição de vida espiritual que pode ser alcançada em todo estado de vida, do artesão ao Prelado, do pai de família ao comerciante, sem se separar do mundo, pelo contrário, através o exercício das virtudes pequenas da caridade, da paciência, da aceitação serena dos sofrimento e até da morte, como acabamento e perfeição da natureza humana.

Daqui o contínuo chamado à necessidade da alegria, do cuidado pela saúde, do equilíbrio psíquico, a desconfiança não apenas por qualquer tipo de éxtase, mas também por qualquer exagero de arrojo ou de penitência destinada a ter pouca duração: *Et si guastano et non sono più boni né per sé né per gli altri* (e se estragam não servindo mais a si mesmos e nem aos outros) Nada da liturgia e dos sacramentos era deixado de lado: missa e devoção eucarística, confissão e culto dos santos e oração vocal. Porém se deve dizer que tudo isto era vivenciado de jeito original por Filipe e o seu grupo. O seu jeito de conduzir o Oratório era o oposto daquele de S. Inácio de Loyola que achava essencial para os retiros espirituais o afastamento do mundo. Ainda mais Felipe encarava a Eucaristia não tanto como Sacrifício

quanto o ápice da oração cotidiana e como alimentação; a confissão não era o tribunal da Contra-reforma e sim uma ocasião cheia de ternura e de conversas espirituais em um relacionamento interpessoal que se estava abrindo para a época moderna. Ele estava superando o espaço do sacro e com as suas peregrinações às igrejas e santuários arrastava a cidade toda. Também como sacerdote era algo de diferente: não era padre com cuidados de paróquias e não era tampouco religioso vinculado com votos de obediência; separado do mundo mas livremente partícipe da vida do homem comum. Ele tinha a convicção que a reforma da Igreja e de Roma não podia nascer de um clero separado do mundo e sim por uma renovação de todo povo cristão nas suas estruturas históricas concretas, na sua modernidade. Daqui nascia o interesse de Filipe pelos mecanismos da vida econômica – como testemunham alguns milagres que lhe foram atribuídos – da vida de Corte e daquela da produção (assim não pode ser achada esquisita a sua paixão pelos relógios.)

O Oratório

No meio das várias correntes espirituais do quinhento italiano a característica da espiritualidade de Felipe é o Oratório. Este não tinha uma formulação rígida, pelo contrário era flexível, seguia um processo de crescimento das pessoas. Nascido das reuniões tidas pela tarde no quarto de Felipe em S. Gerolamo, em 1552 consistente em conversas espirituais em um pequeno grupo de amigos, este aumentou precisando se mudar primeiro no celeiro perto da igreja de S. João beira o rio Tibre e enfim à Vallicella, atraindo um mundo variado composto de nobres, mas nos dias de feriados também de povinho e artesãos. O programa era mui elástico adaptado aos níveis de cultura: Durante as duas horas e mais da sua duração todos eram livres de entrar ou sair segundo as possibilidades de cada um ou do seu interesse pelos sermões que eram tidos em forma fácil em forma de diálogo e não eram feitos do púlpito, banindo a maneira autoritária da pregação tradicional.

Solitamente iniciava-se com a leitura de livros devotos ou com a vida dos santos em seguida havia os sermões. Havia alternância nos assuntos e um sermão – o primeiro, tinha um nível mais alto e elaborado, como por exemplo o assunto sobre a história da Igreja. Geralmente este assunto era explicado por Cesare Baronio que em seguida recolheu os sermões escrevendo os “*Anales*”. Depois havia músicas, cantos com a participação de músicos como João Animuccia e Francisco Soto Langa que publicaram as laudes feitas durante a vida de Felipe, antes em forma monódica e em seguida passando à polifonia.

Não se tratava ainda do “*Oratório*” como gênero musical que se teria desenvolvido somente no 1600, mas este teve suas raízes espirituais e artísticas na comunidade oratoriana de Felipe.

Concluía o encontro uma intervenção de Felipe ou de um substituto. Um pequeno grupo começou encontrar-se por mais orações e meditações, a noite também (em alguns dias da semana tinha o exercício da “*disciplina*”. Deste grupo pequeno nasceu a comunidade que tomou forma na vida em comum a S. João dos Florentinos com algumas regras simples para conduzir a vida cotidiana, mas sem constituir uma ordem religiosa e isto, seja pela sua natural inclinação à liberdade, (costumava dizer-“*para não ser desobedecidos, não se deve mandar*”) e também porque não queria que seus discípulos por causa de votos e outros vínculos jurídicos constituíssem um corpo separado do povo cristão.

Apesar que a Bula de aprovação da congregação emanada por Gregório XIII em 1575, previsse a redação de regras ou constituições, Felipe adia sempre o problema. Somente em 1582-83 foi elaborado um primeiro rascunho, no '88 foi escrito algo e enfim um terceiro texto foi escrito em 1595-96 com um mínimo de regras que visavam a convivência baseada no consentimento que a função do Preposto fosse apenas de coordenação, e fosse mantida uma ampla esfera de liberdade pessoal dos membros, incluído o direito de propriedade. Foi esta firmeza de Felipe que no 1570 causou um dissabor com o cardeal Carlo Borromeo que queria inserir os filipinos nas estruturas diocesanas de Milão e a contrastes nos anos 80 também na mesma comunidade dos filipinos de Roma ligados às ideias de liberdade total, e os padres da comunidade de Napole que afirmavam ser necessária uma organização quase monacal. Na delicada passagem seguida à morte de Felipe, foi confirmada a recusa dos votos e este princípio foi enserido também nas constituições da congregação que finalmente foi aprovada por Pio V com o Breve *Christifidélum do 24 de fevereiro 1612*, com um difícil

equilíbrio entre as necessidades do tipo institucional e o ideal de liberdade que constitui o ideal de Filipe, caracterizando assim as comunidades oratoriane no direito canônico, até os nossos dias.